

Quem era Primo Levi

Domenico Scarpa

(Centro Internazionale di Studi Primo Levi/Torino)

Capítulo publicado na coletânea *Caledoscópio Primo Levi: ensaios sobre um quimiscritor* (ver Aislan Camargo Macieira e Luciana Massi (org.), *Caledoscópio Primo Levi: ensaios sobre um poliédrico quimiscritor*, Campinas: Editora da Unicamp, 2021).

“Sou um homem normal de boa memória que esbarrou em um vórtice, que dele saiu por sorte ou virtude, e que desde então conserva uma certa curiosidade pelos vórtices, grandes e pequenos, metafóricos e materiais”.

Primo Levi escreveu essas palavras para apresentar uma coletânea intitulada *Racconti e saggi* (*Contos e ensaios*). Era outubro de 1986, apenas seis meses antes da sua morte, mas o tom não é, de fato, um tom de testamento, mas sim de olhar para o futuro. Com essa breve frase, Primo Levi nos oferece uma definição de si mesmo, e graças à sua exatidão, incisividade e ironia, podemos tê-la como suficiente, porque é uma síntese da sua vida e da sua obra.

Se, porém, nós mesmos quiséssemos tentar dizer quem era Primo Levi, seria melhor adicionar um ponto de interrogação: “Quem era Primo Levi?”. Há dois anos (2018), quando seis de suas obras foram distribuídas junto do jornal *La Stampa*, o cotidiano de Turim com o qual colaborou durante muito tempo, o Centro Internazionale di Studi Primo Levi, que opera na mesma cidade desde 2008, tentou responder a pergunta através de algumas linhas, impressas em cada uma das seis capas daqueles volumes: “Há cem anos do seu nascimento, em todo o mundo, Primo Levi é reconhecido não somente como uma entre as maiores testemunhas de Auschwitz, mas como um homem de pensamento capaz de desencadear, com qualquer um de seus leitores, um diálogo claro, apaixonado, arguto”.

Essa também é uma síntese, e talvez chega a dizer algumas coisas essenciais, mas é sobretudo uma frase que elenca talentos e campos do saber muito diversos e que, por isso, se abre em muitas direções: uma frase que demonstra a dificuldade de oferecer uma fórmula Primo Levi que seja sintética e, ao mesmo tempo, completa. Tal dificuldade é um fato positivo. Se hoje não é possível dizer, imediatamente, “Quem era Primo Levi”, isto significa que a ele não se pode aplicar nenhuma

etiqueta, nenhuma definição unitária e satisfatória; significa que Levi foi mais coisas além de testemunha, não todas imediatamente decifráveis e, além disso, significa que fez mais coisas, uma quantidade tão grande de coisas, que nem mesmo alguns especialistas em sua obra conhecem todas.

Por essa razão, é particularmente útil propor a pergunta “Quem era Primo Levi?” exatamente hoje, em 2021, e no início de uma coletânea de estudos que é publicada no Brasil, isto é, um dos países no mundo que mais intensamente trabalharam sobre a sua figura e a sua obra. Até 1987, para quase todo o mundo, Primo Levi era o autor de *É isto um homem?*, a sua obra-prima, à qual ele mesmo chamava de seu livro “primogênito”. Levi era uma testemunha de Auschwitz, uma das maiores. Era o homem atento, era aquele que no campo de extermínio tinha cumprido o papel forçado de vítima, mas no mesmo momento em que sofria o *Lager* na própria pele, era também um observador, uma testemunha, e até mesmo um pesquisador, no sentido científico da palavra, precisamente: investigador das pessoas e dos mecanismos que moviam aquela imensa fábrica de destruição. Em Auschwitz, Levi é acima de tudo um prisioneiro que quer entender, que não para de fazer perguntas enquanto descreve-nos com clareza o horror e o absurdo daquilo que acontece a cada momento; e são exatamente essas suas questões, a sua precisão, a sua clareza, a sua vontade de compreender, que dão uma dimensão extra à história de *É isto um homem?*.

Sabemos que Levi era também um químico, um químico-escritor: um quimiscritor, como vem nomeado neste próprio livro, com uma bela criação verbal. Do seu ser um químico, ele mesmo já havia tratado, desde *É isto um homem?*, onde há o capítulo “Exame de química”. Mas que Levi era um químico, os leitores souberam sobretudo através de um livro publicado quase trinta anos mais tarde: *A tabela periódica*, um livro em grande parte autobiográfico, um livro belo e estranho, não classificável, um livro que vinha se juntar a algo - Auschwitz, o campo de extermínio - que parecia ocupar todo o espaço disponível com as duas narrativas que Levi já havia feito, a da “viagem para baixo” no livro “primogênito” e, mais tarde, a de *A trégua*, com a história dos últimos dias de Auschwitz e dos longos meses de retorno através de uma Europa dilacerada pela guerra, mas que também voltava a viver com desordem e energia.

Ao lado da narrativa da testemunha estava, portanto, a ciência que, em um primeiro momento, parecia quase uma curiosidade: não se sabia bem onde colocá-la. Embora

Italo Calvino já tivesse definido A tabela periódica como “o mais primoleviano” dos livros de Primo Levi (a frase é de 1981, e quando um adjetivo é cunhado para um escritor, derivado de seu nome, significa que aquele escritor é realmente importante); embora, portanto, a partir do início dos anos 1980 existisse a palavra “primoleviano”, aquela coletânea de vinte e um contos, cada um com o nome de um elemento químico, de “Argônio” a “Carbono”, continuava a parecer um objeto único e inclassificável: *un fuor d'opera*, mas era precisamente isso que o fazia um livro “primoleviano”, e este é o centro de gravidade de uma obra, por sua vez, única e inclassificável.

Uma palavra iluminadora chegou, apenas dois dias após a morte de Primo Levi, de um musicólogo turinense - Massimo Mila - que não tinha convivido muito com ele, mas que era dotado de grande sensibilidade. No *La Stampa*, em 14 de abril de 1987, Mila assim escreveu: “Parecerá um absurdo, mas se me pedissem para definir o escritor com uma só palavra, diria que era um humorista”.

Não era um paradoxo, Mila dissera uma coisa justa. Desde as primeiras páginas de *É isto um homem?*, Levi soube colher e descrever o grotesco e o absurdo do *Lager* ao lado de seu horror, dentro de seu horror. A ironia era inerente ao próprio fato de observar, descrever e narrar a si mesmo, como se fosse de fora: naquele livro há um “eu” que age (mas sobretudo, dada a situação, um “eu” que sofre) e um “eu” que fala, que pensa, que raciocina - e, enfim, que escreve. Desse estado de coisas surgem as muitas vozes que se podem distinguir e decifrar em *É isto um homem?*.

Nos dezessete capítulos do livro, aos quais se juntam o breve “Prefácio” e o poema-epígrafe (esses últimos, dois textos completamente diversos, tal como o dia e a noite, devido aos respectivos tons que apresentam), de fato reúnem-se uma pluralidade de vozes diversas umas das outras, e se encontram muitos registros e modos expressivos, narrativos, perceptivos e de pensamento, com contínuas separações e trocas recíprocas, e com passagens de fusão polifônica dentro de uma voz de autor que é sempre unitária, sempre una e sólida.

O registro-base, o mais simples, é a descrição: observar atentamente uma realidade estranha para entendê-la e depois transcrevê-la a serviço de quem não estava presente. Um segundo registro, igualmente simples, é porém dinâmico: é a narrativa linear, um longo percurso no qual se move olhando, ouvindo e fazendo descobertas.

Muitas vezes, ao longo desse percurso, Levi muda o foco e isola as figuras, os quadros plásticos: aproxima-se para contar e descrever melhor, como se usasse uma lente ou um microscópio. A essa modalidade se entrelaça uma posterior declinação da voz, a dos pensamentos que se desenvolvem a partir das coisas vistas e narradas: Levi imerge-se na própria alma, mas também na de seus semelhantes, vítimas ou algozes que sejam.

Em muitos pontos então (e estão entre as páginas que mais tocam o íntimo do leitor) Levi se refere a sonhos, pessoais ou coletivos, indo mais a fundo e trazendo de volta à luz, com perfeito controle, aquelas imagens incompreensíveis. Com igual domínio, consegue oferecer-nos o ponto de vista do depois, e este é um aspecto importante: *É isto um homem?* foi escrito, na maior parte, há aproximadamente um ano de distância dos fatos, e publicado somente três anos e meio depois que a peripécia de Auschwitz havia começado, com as 650 pessoas que em 22 de fevereiro de 1944 deixavam o campo de Fossoli em treze vagões de carga. Levi tirou proveito daquela janela temporal para vir, nos momentos oportunos, falar da própria experiência como se estivesse de fora, com o distanciamento do historiador ou do pesquisador científico, e de um ponto de vista que jamais é aquele da banal sabedoria do depois. De vez em quando (e é ainda uma outra de suas vozes) Levi formula comentários, ou seja, chega a olhar como que do alto o passado próximo do *Lager*, sem perder o contato moral e perceptivo com a própria experiência. Tudo isso permite-lhe emitir a última de suas vozes, aquela que se dirige diretamente aos leitores, convocando-os, mas colocando-se em jogo no mesmo momento em que lhes pede uma reação: e lhes pede em tons que podem ser muito diversos, como de fato se pode ver, respectivamente, no prefácio e no poema-epígrafe.

Tudo isso equivale a dizer uma coisa simples, mas não óvia: Primo Levi era um escritor, e o foi desde o primeiro livro, que inclusive é, muitas vezes, classificado como uma mera obra de puro testemunho. Aqui vale a pena insistir sobre as medidas do tempo: sobre o fato que *É isto um homem?* sai quase três anos depois da liberação de Auschwitz por parte do Exército Vermelho; dois anos e meio depois do fim da guerra; dois anos depois da sua volta a Turim. É um período longo, quando se pensa o quanto foi rápida e tumultuosa a história daquela época de reconstrução, e é um período igualmente longo para um homem jovem que passou por experiências tão dilacerantes, tão diversas entre si, e que as recorda, as interroga, pensa sobre, volta para a sua cidade e para a sua casa, retoma a vida, encontra um trabalho, depois outro, depois outro ainda, namora e se casa, começa uma nova vida,

e enquanto faz tudo isso, escreve - comoveremos - sobre tudo, e não somente de testemunho, não somente *É isto um homem?*.

A multiplicidade de Primo Levi encontra-se já no poema-epígrafe de seu primeiro livro, onde há uma notável citação de Dante: o imperativo “Considerai”, que vem precisamente do “Canto de Ulisses”, do canto XXVI do *Inferno*, ao qual é dedicado o capítulo mais célebre do livro. Mas não é somente Dante. É um poema cheio de citações conhecidas, mas não declaradas: sobretudo do Antigo Testamento, em particular do Deuteronômio (6, 6-7) e do Salmo 137, como Alberto Cavaglion demonstrou em sua edição comentada da obra, publicada pela editora Einaudi em 2012. Em uma entrevista de 1982, Levi disse que aquela poesia é uma “interpretação blasfema” do Shemà Israel, a oração fundamental do judaísmo, na qual se afirma a unicidade de Deus. Na “contra-oração” de *É isto um homem?* afirma-se, vice-versa, a singularidade de Auschwitz. Ora, bem no meio do entrelaçamento dessas escritas ilustres ou sagradas, esbarramos em um verso memorável - “Que morre por um sim ou por um não” - o qual, por sua vez, é uma citação, mas de uma origem completamente diferente: o *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand (1898), segundo ato, oitava cena: “pour un oui, pour un non, se battre, – ou faire un vers!”.

Tentemos recapitular. Primo Levi, que é um ateu convicto, mas possui um forte senso do sagrado e do mistério, e que conhece e respeita as Sagradas Escrituras, não somente as do judaísmo (cita muitíssimas vezes os Evangelhos, outro fato surpreendente), não hesita em incluir - naquele que é talvez o texto mais conhecido de toda a sua obra, exatamente o poema-epígrafe de seu primeiro livro - fontes sagradas e fontes profanas, e chega a aproximar o “poema sagrado” de Dante à tragicômica “tirade du nez” de *Cyrano*. O sistema dessas citações é como uma série de indícios que valem para toda a sua obra. Levi tem uma grande sabedoria no uso da linguagem, das palavras, dos sons, e é dotado da desenvoltura e liberdade que são próprias do escritor de talento.

Mais: Levi joga com as palavras, com os sons, com os ritmos, com os significantes, e o faz em *É isto um homem?* desde o poema-epígrafe. De fato, quando se lê no original italiano, percebe-se subitamente aquela série de sete “v” nos primeiros quatro versos do texto, sete “v” (são três já no primeiro verso: “Voi che vivete sicuri” [“Vós que viveis seguros”]) que produzem sons sonolentos, pulverizados, sombrios, entorpecidos, depois seguidos imediatamente por uma série de seis “c”, duros, no início do verso (e começa exatamente por “Considerate se questo è un uomo”

[“Considerai se isto é um homem”]), que atingem o ouvido fazendo sentir instantaneamente a violência da *Lager*, a manifestação violenta dos comandos militares, a aspereza da língua alemã (embora o texto seja escrito em italiano), a redução do homem a uma marionete obediente.

Voi che vivete sicuri
Nelle vostre tiepide case,
Voi che trovate tornando a sera
Il cibo caldo e visi amici:
Considerate se questo è um uomo,
Che lavora nel fango
Che non conosce pace
Che lora per mezzo pane
Che muore per un sì o per un no.
Considerate se questa è uma donna,
Senza capelli e senza nome
Senza più forza di ricordare
Vuoti gli occhi e freddo il grembo
Come una rana d'inverno.

[...] ¹.

Em Levi, o som e o sentido colaboram entre si e se traduzem um no outro; o escritor que os manobra é consciente e desenvolto. Levi brinca com a linguagem exatamente nos pontos em que é mais sério, e isso dá uma importância fundamental à sua definição como “humorista”. Quer dizer que, como procurei demonstrar brevemente, Levi soube ser sério porque aprendeu muito cedo a brincar com as palavras e até com as línguas: pense como as línguas faladas no *Lager* entrelaçam-se umas às outras no final do capítulo “O canto de Ulisses”.

Entre as narrativas breves de Primo Levi, a mais conhecida é “Carbono”, o último conto do volume *A tabela periódica*. Nas linhas iniciais, se lê essa declaração: “precisamente em relação ao carbono tenho uma velha dívida, contraída em dias

¹. “Vós que viveis seguros/ Em vossas casas aquecidas/ Vós que achais voltando à noite/ Comida quente e rostos amigos:/ Considerai se isto é um homem,/ Que trabalha na lama/ Que não conhece a paz/ Que luta por um naco de pão/ Que morre por um sim ou por um não./ Considerai se isto é uma mulher,/ Sem cabelos e sem nome/ Sem mais força de recordar/ Vazios os olhos e frio o ventre/ Como uma rã no inverno”. Cf. Primo Levi, *Mil sóis*. Organização, notas e tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Todavia, 2018, pp. 24-25).

para mim decisivos. Ao carbono, elemento da vida, se dirigia meu primeiro sonho literário, insistente sonhado numa hora e num lugar em que a minha vida não valia muito”².

De um outro conto de *A tabela periódica*, intitulado “Ouro”, sabemos que Levi desejava escrever o romance de um átomo de carbono desde quando - entre 1942 e 1943, portanto antes de sua deportação para Auschwitz - morava em uma casa de Milão com um grupo de jovens como ele, moças e rapazes, quase todos judeus, e trabalhava semi clandestinamente em uma indústria farmacêutica.

“Carbono”, que não foi propriamente um romance, mas sim um brevíssimo conto, é a história que Levi desejou escrever por mais de trinta anos, visto que a versão definitiva foi publicada somente em 1975. Falava disso inclusive em Auschwitz: com Pikolo, o mesmo companheiro que é o seu interlocutor-ouvinte no capítulo “O canto de Ulisses”. A Pikolo, que se chamava Jean Samuel e era um jovem matemático alsaciano, Levi contou então duas histórias, a do naufrágio de Ulisses e a da viagem de um átomo de carbono pelo tempo ao longo de milhões de anos. Pikolo, que assim como Levi sobrevive ao *Lager*, e que depois da morte de Primo Levi pôde contar em público a sua versão da história (em 1998 tive a sorte de ouvi-lo em Bruxelas), não lembrava quase nada da manhã na qual Levi traduziu para ele os versos de Dante, mas se lembrava muito bem do romance sobre o átomo de carbono.

Esse conjunto de fatos nos diz, na maneira mais concreta e eficaz possível, que - desde o primeiro momento, desde antes do seu exórdio público em 1947 - Primo Levi não é unicamente o escritor de *É isto um homem?*. Hoje sabemos que, assim que voltou a Turim em 19 de outubro de 1945, Levi fez tudo o que podia para salvar a memória de seus companheiros de Auschwitz mortos durante a prisão, e para rastrear os poucos sobreviventes: fez de tudo para recolher e oferecer informações, produzindo, entre outras coisas, extraordinários exercícios de memória. Já pouco depois da liberação do *Lager* escreveu, junto de seu amigo Leonardo De Benedetti, médico, o *Relatório sobre a organização higiênico-sanitária do Campo de concentração para Judeus de Monowitz* (Auschwitz - Alta Silésia), que a eles foi pedido pelos comandos do Exército Vermelho, e que é o primeiro testemunho de caráter técnico a ter surgido

². Cf. Primo Levi, *A tabela periódica*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001, p.226)

sobre o *Lager*; hoje, pode ser lido na coletânea *Assim foi Auschwitz. Testemunhos 1945-1986*³.

Sempre nos primeiros anos depois do retorno, Levi dá vários depoimentos, orais e escritos, para os primeiros processos internacionais contra os criminosos de guerra nazistas; estes também estão reunidos no volume *Assim foi Auschwitz*. Mas o seu empenho de memória, de testemunho humano, técnico, legal, não é o único setor da sua atividade pública e de escrita; é certamente o mais próximo a *É isto um homem?*, mas há muito mais, multiforme e surpreendente. Existem os poemas, e nem todos são sobre o *Lager*, que contêm muitos daqueles jogos acústicos e rítmicos, como já foi dito, e que compreendem também a tradução-recomposição de Herbsttag, “Dia de outono”, um dos poemas mais célebres de Rainer Maria Rilke.

Entre as coisas que Levi escreve nos primeiros meses, nos primeiros anos depois da volta de Auschwitz - entre as coisas que escreve simultaneamente com a composição de *É isto um homem?*, isto é, de um livro que, coisa surpreendente, absorvia somente uma parte dos seus pensamentos, do seu empenho e das suas inspirações de escrita - estão os contos fantásticos, contos que hoje definiríamos como *science fiction*, ou melhor, como *bio-fiction*. O mais antigo é de 1946, e se intitula “Os mnemagogos” (o título é um neologismo cunhado por Levi com base no grego antigo e significa “condutores, suscitadores de lembranças”) e trata do poder evocador dos odores.

Um outro conto é uma breve fábula que reencontraremos em *A tabela periódica* com o título “Titânio”; um outro ainda é um conto da fábrica, e também este estará em *A tabela periódica* com o título “Enxofre”. Ao que tudo indica, Levi tinha escrito desde 1946 também uma primeira versão de “Argônio”, o conto de memórias sobre os próprios antepassados judeus piemonteses, destinado a abrir o livro de 1975. Não acabou por aqui: entre 1947 e 1948 Levi escreve também os primeiros episódios do futuro *A trégua*, e começa a trabalhar em um extraordinário conto teatral sobre a criação do homem, que viria a ser publicado muitos anos depois com o título “O sexto dia”. Esse conjunto tão variado e inesperado de escritos, que correspondem a paixões científicas, a inspirações fantásticas, a interesses civis, à devoção pela memória, tudo isso nos diz que Levi é um escritor de textos curtos: um escritor, citando Julio Cortázar, de modelos para armar, de elementos que nascem sem uma ordem particular, de um engenho versátil, e que encontrarão o seu lugar, a estrutura na qual se inserir, mesmo avante ou trinta anos de distância.

³. Cf. Primo Levi e Lonardo De Benedetti, *Assim foi Auschwitz. Testemunhos 1945-1986*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Se pensarmos que no curso dos anos 1950 Levi se afirma como brilhante tradutor de tratados de química (pode seguir a literatura científica em quatro línguas: italiano, francês, inglês e alemão), e que vai crescendo ao longo dos anos sua paixão pelas línguas mortas e vivas, pelos dialetos, pelas etimologias e gramáticas, pelos jogos linguístico-combinatórios, pelas línguas deformadas e semi-inventadas (como aquela de François Rabelais, de Teófilo Folengo, de Lewis Carroll e de Raymond Queneau) e, enfim, pela enigmática, daí surge o retrato de uma personalidade que, com razão, algum crítico dos seus *Complete Works*, organizado por Ann Goldstein e lançado nos Estados Unidos em 2015, pôde definir “leonardesca”.

Hoje que a sua obra, interrompida bruscamente pela morte voluntária em abril de 1987, está toda sob os nossos olhos, é para essa obra e para essa energia expressiva que se deve olhar, se quisermos intuir - e tentar dizer - “quem era Primo Levi”. Ler os seus livros um após o outro significa dar-se conta que, com qualquer um deles, Levi criou uma língua nova e diversa das precedentes, como de fato acontece com qualquer escritor autêntico, e que cada uma dessas línguas, a começar pela língua de *É isto um homem?*, foi mais além da fronteira do dizível, explorou novos territórios, soube dizer coisas que ninguém jamais havia dito antes: fez recuar os limites do que (muitas vezes com preguiça) vem definido como o indizível ou o inefável.

Há um ponto na obra de Primo Levi em que se assiste ao nascimento de uma língua, ou propriamente da língua. Acontece no segundo capítulo de *A trégua*, intitulado “O Campo Grande”. É o célebre episódio do menino Hurbinek: “Após uma semana, Henek anunciou com seriedade, mas sem sombra de presunção, que Hurbinek ‘dizia uma palavra’. Que palavra? Não sabia, uma palavra difícil, não húngara: alguma coisa como *mass-klo*, *matisklo*. De noite ficávamos de ouvidos bem abertos: era verdade, do canto de Hurbinek vinha de quando em quando um som, uma palavra. Nem sempre exatamente a mesma, para dizer a verdade, mas era certamente uma palavra articulada; ou melhor, palavras articuladas ligeiramente diversas, variações experimentais sobre um tema, uma raiz, sobre um nome talvez”⁴.

Nessa passagem, gostaria de enfatizar, mais do que a intensidade dramática, a precisão do vocabulário no que diz respeito à linguística. Um menino de três anos - que nasceu em Auschwitz, mas que na descrição de Levi aparece como a primeira criatura humana a aparecer na terra - constrói palavras dotadas de sentido, usando a matéria-prima dos sons, sobre os quais seu instinto de sobrevivência trabalha através

⁴. Cf. Primo Levi, *A trégua*. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 20.

de tentativas. “Hurbinek continuou, enquanto viveu, as suas experiências obstinadas”⁵.

A voz de Hurbinek é também a voz de Levi, que indiretamente disse: falarei até quando tiver vida e buscarei fazer-me entender. Se hoje não sabemos dizer imediatamente “Quem era Primo Levi”, é porque ele foi também, durante toda a sua vida, um experimentador obstinado. Hoje sabemos que os primeiros episódios de *A trégua*, inclusive o de Hurbinek, foram escritos entre 1947 e 1948, imediatamente após a publicação de *É isto um homem?*. Inclusive essa página, na qual há a invenção da linguagem, pertence aos dois ou três anos, densíssimos, que vêm depois do seu retorno de Auschwitz, os anos nos quais escreve *É isto um homem?* e os poemas “concisos e sangrentos” sobre o *Lager*, mas também poemas mais livres e arejados, e a versão de Rilke; os anos nos quais escreveu contos “fantabiológicos” e “fantateológicos”, mas também histórias da fábrica; os anos em que projeta “Carbono” e esboça pela primeira vez “Argônio”; anos que podem se definir como o seu *Big Bang*, o ponto primordial do qual começou a grande explosão criativa de sua obra em todas as direções. Se hoje queremos saber “Quem era Primo Levi”, é nesse ponto que devemos fazer convergir as lentes dos nossos radiotelescópios, ou mais simplesmente, a nossa atenção de leitores.

(Tradução de Aislan Camargo Maciera)

⁵. Ibidem